



## AS LUTAS FEMINISTAS ABRANGEM A TOD@S? UMA ABORDAGEM ACERCA DA VERTENTE INTERSECCIONISTA DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS COM RELAÇÃO ÀS PAUTAS NEGRAS E TRANS<sup>1</sup>

Geovana Maciel da Fonseca<sup>2</sup>

Varlei Machado da Rosa<sup>3</sup>

**Resumo:** O feminismo destina-se a busca de direitos equânimes entre homens e mulheres, bem como o empoderamento feminino e a libertação de padrões. Apesar do caráter de ampliação de direitos, historicamente, os movimentos representaram a luta de uma pequena parcela das mulheres: brancas e de classe média alta. Atualmente, as pautas dos movimentos feministas continuam dando pouca atenção as pautas das mulheres negras e trans. Assim, por meio de um estudo hipotético dedutivo, questiona-se: em que medida os movimentos feministas estariam alimentando aquilo que combatem, e em que medida defendem toda sua heterogeneidade? Precisa-se evidenciar que, em relação às mulheres negras, as mulheres brancas possuem privilégios, assim como as heteras e cisgêneras, em relação às lésbicas e transexuais, sendo uma questão cultural. Em contrapartida, surgem novas ondas do feminismo, como o movimento interseccional que busca o reconhecimento de grupos excluídos por alguns setores do movimento tradicional, contemplando todas as formas de ser mulher.

- <sup>1</sup> Esta pesquisa de Iniciação Científica está vinculada ao Projeto de Pesquisa “Direitos Humanos e Movimentos Sociais na Sociedade Multicultural”, coordenado pela Profa. Dra. Rosângela Angelin, a qual também orienta esse trabalho. O projeto é vinculado ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* – Mestrado e Doutorado em Direito da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), campus Santo Ângelo/RS.
- <sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Direito da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), campus Santo Ângelo/RS. Integrante do Grupo de Pesquisa “Direitos Humanos e Movimentos Sociais na Sociedade Multicultural”, vinculado ao PPGD acima descrito. Integrante do Diretório Acadêmico *Erga Omnes*, do Curso de Direito da URI. E-mail: geovana.mf00@gmail.com
- <sup>3</sup> Acadêmico do Curso de Graduação em Direito da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), campus Santo Ângelo/RS. Integrante do Grupo de Pesquisa “Direitos Humanos e Movimentos Sociais na Sociedade Multicultural”, vinculado ao PPGD acima descrito. E-mail: varleirosa@aluno.santoangelo.uri.br

VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 6., 2019, São Leopoldo.

*Anais do VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião.* São Leopoldo: EST, v. 6, 2019. | p.213-222

**Palavras-chave:** direitos equânimes; mulheres negras; mulheres trans; movimento interseccional.

**Abstract:** Feminism is intended to seek equitable rights between men and women, as well as feminine empowerment and the release of standards. Despite the character of broadening rights, historically, the movements represented the struggle of a small portion of women: white and high middle class. Currently, the agendas of feminist movements continue to pay little attention to the black and trans women's agenda. Thus, by means of a hypothetical deductive study, it is questioned: to what extent would feminist movements be feeding what they try to combat, and to what extent do they advocate all their heterogeneity? It is necessary to demonstrate that, in relation to black women, white women have privileges, as well straight and cisgender, in relation to lesbian and transgender, being a cultural issue. In contrast, new directions of feminism emerge, such as the intersectional movement that seeks recognition of groups excluded by some sectors of the traditional movement, contemplating all forms of being a woman.

**Keywords:** equal rights; black women; trans women; intersectional movement.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os movimentos feministas têm como principal objetivo a busca por direitos equânimes entre homens e mulheres, eliminando qualquer tipo de opressão e discriminação, bem como, o empoderamento feminino e a desconstrução de padrões pré-estabelecidos pela sociedade. Apesar dos movimentos feministas contemplarem a luta pela ampliação de direitos, no decorrer da história, percebe-se que a representatividade dos movimentos, tendencialmente alcançavam um determinado padrão de mulheres: brancas e de classe média. Na atualidade, isso ainda é recorrente, pois as pautas das mulheres negras e trans continuam sendo, muitas vezes não valorizadas como deveriam pelos movimentos feministas.

A partir de um estudo hipotético dedutivo e de reflexões de teorias feministas, o presente estudo tem como linha condutora o seguinte questionamento: em que medida os movimentos feministas estariam alimentando aquilo que combatem, ou seja, o respeito à diferença, e em que medida defende toda sua heterogeneidade?

Para responder o questionamento acima apresentado, o trabalho irá dividir-se em dois momentos: inicialmente o estudo estará voltado para a

compreensão das principais demandas que constituem os movimentos feministas para, então, apresentar perspectivas pertinentes ao feminismo interseccional e como esse se torna importante nas perspectivas da diversidade.

## LUTAS E DEMANDAS DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS

No decorrer da história da humanidade houve mulheres que revoltaram-se contra sua condição de opressão e lutaram por emancipação e igualdade de direitos, o que contribuiu para o nascimento dos denominados movimentos feministas. De modo geral “pode-se dizer que o objetivo do feminismo é uma sociedade sem hierarquia de gênero”<sup>4</sup> sendo assim busca por uma sociedade sem distinção e desigualdades substanciais entre homens e mulheres. Maria Teles explica que o feminismo, em seu sentido mais amplo, é um movimento político que,

questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade [...] Dessa forma, o feminismo tem também um caráter humanista: busca a libertação das mulheres e dos homens, pois estes têm sido vítimas do mito do macho, que os coloca como falsos depositários do supremo poder, força e inteligência.<sup>5</sup>

As lutas feministas tiveram seu primeiro ápice durante a Revolução Francesa, no século XVIII, em que as mulheres desenvolveram um papel importante na reivindicação de direitos civis, políticos e principalmente pela igualdade de oportunidades na participação social. Entretanto, essas mulheres foram amargamente desafiadas pela sociedade burguesa e patriarcal daquele período, conforme menciona Carla Cristina Garcia:

Os clubes de mulheres foram fechados pelos jacobinos em 1793 e em 1794 proibiu-se explicitamente a presença de feministas em qualquer tipo de atividade política; fosse qual fosse sua tendência ideológica, compartilhavam o mesmo fim: a guilhotina ou o exílio. As mulheres não podiam subir nas tribunas, mas sim no cadafalso. A imprensa revolucionária da época explica muito claramente o porquê:

<sup>4</sup> RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** - São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 44.

<sup>5</sup> TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil** - São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 11.

havia transgredido as leis da natureza abdicando de seu destino de mães e esposas, querendo ser “homens de Estado”.<sup>6</sup>

Os movimentos feministas organizados surgiram já no século XIX, momento esse em que as mulheres buscavam a emancipação social, política e econômica, o que marcou a primeira onda do feminismo. Além disso, as mulheres incluíram na pauta do movimento a luta pelos direitos humanos e se juntaram à mobilização pela abolição da escravidão. Sobre isso, segue a perspectiva de Davis:

Ao longo da década de 1830, as mulheres brancas - tanto as donas de casa como as trabalhadoras - foram ativamente atraídas para o movimento abolicionista [...] Em 1833, quando a Sociedade Antiescravagista Feminina da Filadélfia foi criada, na esteira da convenção de fundação da Sociedade Antiescravagista Estadunidense, o número de mulheres brancas simpatizantes à causa da população negra era suficiente para estabelecer o vínculo entre os dois grupos oprimidos.<sup>7</sup>

A luta abolicionista proporcionou às mulheres experiências que “desenvolveram habilidades de capacitação de recursos e aprenderam a distribuir publicações e a organizar encontros - algumas delas se tornaram poderosas oradoras”<sup>8</sup>, o que serviu para que pudessem utilizar na movimentação pelo direito ao voto, marco central do movimento feminista da época. Nesse sentido, as mulheres defenderam o sufrágio universal, com o ideal do “VOTES FOR WOMEN”, ficando conhecido como o movimento das sufragistas, para que pudessem ter acesso ao meio político e decisório, já que a principal demanda defendida era a de direitos políticos.

A partir dos anos 1950, em pleno século XX, inicia-se a segunda onda do movimento feminista, que vai discutir sobre temas relacionados com os direitos reprodutivos e a sexualidades das mulheres. Nessa época, o feminismo trouxe para reflexões questionamentos do que é ser mulher, atentando-se a existência das mulheres trans, a partir da famosa frase de Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, do seu livro *O Segundo sexo*

<sup>6</sup> GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011, p. 49-50.

<sup>7</sup> DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico] Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 53.

<sup>8</sup> DAVIS, 2016, p. 58.

publicado em 1949.<sup>9</sup> Diante disso, Beauvoir mostra que as mulheres não podem receber padrões comportamentais e sociais determinados biologicamente. Tais padrões, já fortemente estabelecidos, oprimiram mulheres cisgênero e transgênero.

Sob o mesmo ponto de vista, Djamila Ribeiro trabalha na perspectiva de que o gênero é uma construção social opressora contra os grupos de mulheres: “A divisão sexo/gênero funcionaria como uma espécie de base que funda a política feminista partindo da ideia de que o sexo é natural e o gênero é socialmente construído e imposto, assumindo assim um aspecto de opressão.”<sup>10</sup>

Dessa maneira, é notável que a divisão de gênero oprime fortemente as mulheres trans. Tal grupo de mulheres, ao não possuírem políticas de representatividade que as alcance, também não se viam representadas na luta do feminismo tradicional. Grande parte das correntes defendidas pelo feminismo não compactuavam com a presença das mulheres trans, pois possuíam um preconceito enraizado, rebaixando-as à categoria homem feminizado.

A escritora estadunidense Julia Serano argumenta sobre o desrespeito e opressão sofrida pelas mulheres trans nas lutas feministas majoritárias, conforme segue:

Além disso, configurar um desrespeito com o fato de que nos identificamos, vivemos e somos tratadas como mulheres pelo mundo, tais abordagens falhas ignoraram uma oportunidade importante para examinar questões muito mais relevantes: as formas pelas quais o sexismo tradicional molda as suposições populares sobre mulheres transexuais, e porque tantas pessoas em nossa sociedade sentem-se ameaçadas pela existência de “homens que escolhem se tornar mulheres”.<sup>11</sup>

Ao não encontrarem espaço político e apoio social para suas discussões, as mulheres trans organizarem-se em prol da defesa de um movimento próprio, abrangente com os ideias feministas tradicionais, mas em prol de políticas para o grupo. Destaca-se, portanto, que na segunda onda do

<sup>9</sup> BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2009. 2v.

<sup>10</sup> RIBEIRO, 2018, p. 46.

<sup>11</sup> SERANO, Julia. **Whipping girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity**. California: Seal Press, 2007, p. 6.

feminismo o ideal buscado pelas mulheres seguia a frase “*sisterhood is powerful*”, uma vez as opressões com base no sexo, mesmo não incluindo mulheres trans, eram o que as uniam.

A terceira onda do feminismo surge já na década de 1990, em que ficou caracterizado por críticas feitas por algumas feministas “no sentido de mostrar que o discurso universal é excludente, porque as mulheres são oprimidas de modos diferentes, tornando necessário discutir gênero com recorte de classe e raça, levando em consideração as especificidades de cada uma”.<sup>12</sup> Bell Hooks afirma que “ideia de ‘opressão comum’ era um programa falso e corrupto que mascarava e confundia a verdadeira natureza da realidade social variada e complexa das mulheres”.<sup>13</sup> Além disso, continua a autora:

O princípio fundamental do pensamento moderno feminista tem sido a afirmação de que "todas as mulheres são oprimidas". Esta afirmação pressupõe que as mulheres partilham um destino comum, que fatores como classe, raça, religião e preferência sexual, etc. não criam uma diversidade de experiências que determina em que medida o sexismo será uma força opressora na vida de cada mulher.<sup>14</sup>

Identifica-se isso, quando o movimento exclui as mulheres trans “com a justificativa de que elas não são mulheres reforça aquilo que o movimento tanto combate e que Beauvoir refutou tão brilhante em 1949”.<sup>15</sup>

Em uma tentativa de combater estereótipos machistas, muitas mulheres acabaram reforçando-os, uma vez que tratavam as pessoas trans de forma preconceituosa, na intenção de rejeitá-las do movimento. Dessa forma, existia e ainda existe uma disputa pelo único significado de “ser mulher”. Julia Serano, mais uma vez, debate sobre esse ponto:

Nenhum tipo de qualificação deveria ser imposta ao termo “mulher trans” com base na capacidade de uma pessoa em “passar” como mulher, nos seus níveis hormonais ou na configuração de seus genitais - até porque, é um óbvio machismo reduzir qualquer mulher (trans ou quaisquer outras) somente às suas partes corporais, ou

---

<sup>12</sup> RIBEIRO, 2018, p. 45.

<sup>13</sup> BELL, Hooks. **Feminist Theory**: From Margin to Center. New York: Routledge, 2015, p. 34.

<sup>14</sup> BELL, 2015, p. 4.

<sup>15</sup> RIBEIRO, 2018, p. 47.



exigir que ela viva de acordo com certos ideais ditados socialmente no que diz respeito à aparência.<sup>16</sup>

De fato, não se pode negar que o movimento feminista garantiu um avanço nas legislações e no reconhecimento das mulheres diante da sociedade. Mesmo assim, muitos problemas internos do movimento ainda existem, como a exclusão das pautas das mulheres negras e trans que, historicamente, sofrem com essa invisibilidade. Para tanto, surge com a terceira onda do movimento feminista, a corrente interseccional que busca contemplar todas as formas de ser mulher, assim como reconhecê-las dentro da luta feminista.

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOVIMENTO FEMINISTA INTERSECCIONAL**

Pode-se perceber que desde a primeira onda do feminismo, já se perpetuava uma divisão dentro do próprio movimento. Mulheres que lutaram fortemente contra o sexismo e buscaram a sua liberdade, ao mesmo tempo, reforçaram os estereótipos racistas, classistas e outras formas de discriminação da sociedade. A autora Angela Davis<sup>17</sup> ressalta, em seu livro “Mulheres, Raça e Classes”, que houve em determinado momento uma exclusão das mulheres negras, do movimento sufragista, por uma espécie de “conveniência”. As sufragistas acreditavam que defender os direitos de votos das mulheres negras, acabaria dificultando a conquista plena do voto feminino das mulheres brancas. Davis pondera:

Dada a violência explícita infligida contra a população negra durante os anos 1890, como as sufragistas podiam afirmar de boa-fé que, ‘por conveniência’, elas deveriam ‘ceder para vencer nessa questão de cor’? A postura aparentemente ‘neutra’ das líderes da Nawsa em relação à ‘questão de cor’ na realidade encorajava a proliferação de ideias claramente racistas nas fileiras da campanha sufragista.<sup>18</sup>

É imprescindível compreender que os problemas que envolvem diferentes mulheres não são mutuamente exclusivos. Bem como interpretado

---

<sup>16</sup> SERRANO, 2007, p. 8.

<sup>17</sup> DAVIS, 2016.

<sup>18</sup> DAVIS, 2016, p. 129.

por Bell Hooks, em que diferentes opressões, ao contrário de unir mulheres, acabavam por discriminar suas vivências:

O sexismo, o racismo e o classismo dividem as mulheres. [...] A fragmentação em diferentes facções políticas e grupos de interesses específicos ergueu barreiras desnecessárias à Sororidade que podem ser facilmente eliminadas. [...] Todas as mulheres podem opor-se politicamente ao sexismo, ao racismo, à homofobia e à opressão de classes.<sup>19</sup>

Em uma constante busca para incluir todas as mulheres na luta, e não mais segregá-las, uma nova vertente, conhecida como feminismo interseccional, apresenta novos nuances e surge para dar voz às diferentes camadas em que se dá a opressão contra os diversos grupos de mulheres, de acordo com o que segue:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.<sup>20</sup>

De fato, as mulheres negras enfrentam uma socialização diferente das mulheres brancas, assim, como as mulheres transgênero perpassam outras particularidades que podem não ser um obstáculo na vida de mulheres cisgênero. Sendo assim, é notável o erro do movimento feminista tradicional ao universalizar as vivências das mulheres.

O movimento feminista interseccional abarca a missão de conciliar a luta contra a opressão de gênero com as de outras minorias, na qual considera-se classe social, raça, orientação sexual, deficiência física e religião. Portanto, “pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isoladas, porque são indissociáveis”.<sup>21</sup> O feminismo

<sup>19</sup> BELL, 1984, p. 49-50.

<sup>20</sup> CRENSHAW, Kimberlé Williams. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas** 10 (2002), p. 177.

<sup>21</sup> RIBEIRO, 2018, p. 123.



interseccional deu a muitos defensores uma forma de lutar por sua visibilidade e inclusão.

O feminismo interseccional caminha para a aceitação de que as mulheres nem sempre vivenciam o sexismo da mesma forma e em mesma intensidade, e que homens e mulheres também não vivenciam o racismo ou opressão de classe de forma idêntica.

A capacidade de explicar as intersecções da subordinação apoia-se na capacidade de conceituar com alguma clareza a função das hierarquias étnico-raciais e outras práticas baseadas no grupo. Enquanto é óbvio que todas as sociedades são, em graus variáveis, delineadas pelo gênero.<sup>22</sup>

Nesse contexto, essa vertente levanta a uma reflexão importante sobre diferentes situações de opressão da mulher. Em que se analisa - e também se critica - aqueles casos em que a mulher oprimida passa a ser também opressora.

De tal forma, é necessário desenvolver um olhar mais interseccional e que envolva diferentes grupos de mulheres, respeitando e integrando suas vivências. Pode-se assim ter um avanço no movimento feminista contemporâneo, seja em questões sociais como políticas, pois passa a se examinar as variadas estruturas de poder que resistem fortemente à mudança. É nesse nível de discussão que o feminismo, baseado em uma interseccionalidade fundada no diálogo e efetivação dos direitos das mulheres, que vise o bem-comum de todos os grupos oprimidos, deve ser ressaltado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do questionamento inicial que envolvia pergunta; em que medida os movimentos feministas estariam alimentando aquilo que combatem, ou seja, o respeito à diferença, e em que medida defende toda sua heterogeneidade?, pode-se constatar que os movimentos feministas, ao longo de sua história, foram importantes para visibilizar lutas das mulheres contra a opressão patriarcal, bem como para pressionar governos e alcançar direitos importantes para as mulheres. No entanto, deve-se reconhecer que as lutas

---

<sup>22</sup> CRENSHAW, 2002, p. 184.

feministas contemplaram, historicamente, a pauta de uma parcela de mulheres, excluindo especificidades das mulheres, como ocorreu com as mulheres negras e as mulheres trans.

Nesse sentido, a corrente interseccionista, trazida pela terceira onda dos movimentos feministas, se torna essencial para incluir as pautas das mulheres negras e trans, assim como de outros grupos que, até hoje, foram desvalorizados e invisibilizados, ou então, não tratados com a devida atenção. Para tanto, necessita-se compreender e aceitar as diversas maneiras de ser mulher, bem como a pluralidade existente entre elas, renegando todos os tipos de discriminação. Quem sabe esse seja um dos grandes desafios atuais dos movimentos feministas.

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2009. 2v.
- BELL, Hooks. **Feminist Theory: From Margin to Center**. New York: Routledge, 2015.
- CRENSHAW, Kimberlé Williams. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas** 10 (2002).
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico] Tradução: Heci Regina Candiani. - 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.
- SERANO, Julia. **Whipping girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity**. California: Seal Press, 2007.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.